

RETEXTUALIZAÇÃO: DO LIVRO A LITERATURA DE CORDEL

Marília Fontenele Magalhães Muniz ¹

INTRODUÇÃO

O dia a dia em sala de aula é dinâmico e cheio de novidades. A leitura faz parte da vida dos alunos, porém existem algumas dificuldades para atrair os olhares para novas produções e olhares para o que se lê no cotidiano.

Pensando nisso e lembrando de autores como Bakhtin (1992), Koch (2002), Dolz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2006), produzimos um projeto de retextualização livros para a literatura de cordel, visando fazer com que o aluno seja inserido em sua cultura na prática e não só daquilo que se ouve falar.

Deste modo, convidamos alunos do 7º ano em Ensino Fundamental II de uma escola particular de Fortaleza a participar desse projeto.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A escola escolhida para que realizássemos a atividade possui um projeto de leitura intitulado “Giroletras”. Nele, os alunos podem ler diversos títulos, pois a cada semana eles possuem a possibilidade de trocar de livro.

Assim, percebemos uma possibilidade imperdível de propor a leitura de um livro que eles já haviam lido, produzissem uma resenha crítica e, por fim, transformassem aquela história em cordel.

DESENVOLVIMENTO

GÊNEROS TEXTUAIS

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal - CE, marilia_munizz@hotmail.com;

Um dos principais processos de aprendizagem quando se está no âmbito escolar é a escrita. E junto a esse processo, os gêneros textuais são bem evidentes. Autores como Bakhtin (1992), Koch (2002), Dolz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2006) conversam em seus textos acerca do texto ser um evento social. Ora, se formos analisar, tal afirmativa é uma verdade quase que incontestável.

Por outro, é necessário observarmos os pequenos autores (alunos) como sujeitos protagonistas de suas produções. E, além dessa visão, notar que a produção carrega muito mais do que palavras e estruturas, ali se encontra a situação sociocomunicativa, histórica e cultural dos sujeitos.

Segundos os Parâmetros Curriculares Nacionais do seguimento de Língua Portuguesa, os gêneros são os principais caminhos para favorecer o ensino de leitura e de produção, tanto de textos escritos, como de textos orais.

Koch (2002, p.17), por exemplo, afirma que o texto “[...] passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos”. A partir desse cenário, as escolas são uma forma de base para o processo de transformação e perpetuação de gêneros textuais e linguagens.

Dolz e Schneuwly (2004, p.142) afirmam que, “para tornar possível a comunicação, toda sociedade elabora formas relativamente estáveis de textos que funcionam como intermediárias entre o enunciador e o destinatário, a saber, os gêneros”. Os referidos autores são cátedras do estudo para o ensino. Eles foram base para a produção de PCN’s e da disseminação de gêneros na escola.

Marcuschi, por sua vez, afirma que (2006, p.24), “[...] as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem”. Assim, para que o gênero não seja compreendido apenas como uma estrutura “decorável”, seria interessante que o ensino dos gêneros fosse centrado na criação de estratégias e situações de uso dos gêneros, para que se

perceba que não tem como um gênero ser vivo se ele não cumprir como o seu propósito comunicativo.

Para Bakhtin (2003), o que determina se o gênero é primário ou secundário não é a modalidade da língua (oral ou escrita), mas as condições reais de produção desse gênero, sendo que estas condições estão intimamente ligadas às esferas de comunicação em que os gêneros estão sendo usados.

RETEXTUALIZAÇÃO

Quando se fala em retextualizar, parece que se fala em “fim do mundo”. A impressão que dá é que o gênero é algo sagrado, intocável, que uma obra não deve ser modificada quando se faz referência à sua apresentação/ gênero.

Travaglia (1993) utiliza pela primeira a expressão para fazer referência à tradução de uma língua para outra. Porém, em 1995, Abaurre afirma que há a possibilidade da retextualização ser também a refacção de um texto.

Após alguns anos, Marcuschi (2004) afirma que a retextualização não é um processo mecânico, já que envolve algumas operações complexas. O que não se percebe é que a ação de retextualizar é comum no dia a dia. Podemos perceber o uso delas ao repassarmos uma informação a alguém, por exemplo, pois, ao fazermos tal processo, nós estamos transformando o que nos foi dito anteriormente.

Retextualizar, em palavras mais simples, mas não menos simplória, é adaptark, é transformar uma história para outro formato (MARCUSCHI, 2004).

CORDEL

Levando em consideração nossa cultura e o que há mais forte e característico em nossa terra quando o assunto é literatura, resolvemos usar como base para este trabalho o gênero Cordel.

Assim, uma das maneiras mais populares de se contar uma é uma história é através de versos, mais conhecidos em terras nordestinas, como cordel. Para Paul Zumthor, um dos grandes estudiosos da oralidade, expõe que “ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da

humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas.” (ZUMTHOR, 1997, p. 10) E foi através das contações de histórias, que os primeiros folhetos nasceram, trazendo rimas e ritmos.

E, ao contrário do que muitos pensam, a literatura de cordel nasceu na Península Ibérica já na forma como o conhecemos: livretos, pendurado em cordas e vendidos em feiras. Muitas vezes apresentavam cunho político e outras tantas de sátira.

Marcia Abreu (1999) aponta diferenças entre a literatura de cordel portuguesa e brasileira, Diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil é bastante codificada. Pode-se acompanhar o processo de constituição dessa forma literária examinando-se as sessões de cantoria e os folhetos publicados entre finais do século XIX e os últimos anos da década de 1920, período no qual se definem as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma ‘canônica’ (1999, p. 73)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram os mais diversos possíveis, desde aqueles que amaram a atividade, até aqueles que juraram nunca mais pegar em um cordel na vida.

Durante duas semana trabalhamos com os alunos o seria um cordel, levamos para sala de aula vídeos e apresentações para que eele pudessem ficar ainda mais próximos de tais produções. Além disso, pedimos que eles indicassem quais os títulos que seriam retextualizados e, por incrível que pareça, um dos mais escolhidos para realizar tal atividade foi “Os miseráveis”, de Victor Hugo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gerar nos alunos o senso de cuidar de sua cultura é extremamente importante e quando podemos realizar tal atividade através de textos, produções, visões críticas e incentivos a leitura, é ainda mais gratificante.

Saber que hoje os alunos que participaram desses projetos estão mais próximos do que é rima, sabem explicar a estrutura, como se forma e como se realiza é mais do que gratificante.

Palavras-chave: Retextualização; Gêneros, Cordel,

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BRASIL, SEF/MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília, DF: SEF/MEC, 1998.

KOCH, I. G. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002. _____; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, S. (orgs.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

_____. Da fala para a escrita: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TRAVAGLIA, N. G. Tradução retextualização: tradução numa perspectiva textual. Uberlândia: Edufu, 2003.

TRAVAGLIA, L. C. Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Introdução à poesia oral. Trad. de Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Performance, Recepção, Leitura. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.